

MOVIMENTOS DATAFICADOS E RESISTÊNCIA ESTUDANTIL: usos táticos das materialidades da colaboração mediada por algoritmos¹ DATAFIED MOVEMENTS AND STUDENT RESISTANCE: tactical uses of the materialities of algorithm-mediated collaboration

Ana Lídia Resende²
Kérley Winques³

Resumo: *Este estudo tem como objetivo analisar os usos táticos das materialidades do Instagram pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e compreender como essas práticas se configuram como formas colaborativas de comunicação mediadas por algoritmos. Realizamos uma pesquisa exploratória, utilizando como corpus os conteúdos publicados no Instagram pela UNE entre 1 e 31 de agosto de 2024, período que inclui o Dia do Estudante, comemorado em 11 de agosto, data também do aniversário da UNE. Os resultados preliminares identificam os principais atores envolvidos e apresentam uma sistematização inicial dos tipos de colaboração: direta e indireta. Assim, discutimos como os estudantes se apropriam taticamente das ferramentas da plataforma para construir suas práticas de resistência no ambiente digital.*

Palavras-Chave: *Plataformas digitais. Resistência algorítmica. Movimentos datafificados.*

Abstract: *This study aims to analyze the tactical uses of Instagram's materialities by the União Nacional dos Estudantes (UNE) and understand how these practices function as collaborative forms of communication mediated by algorithms. We conducted an exploratory study, using as a corpus the content published on UNE's Instagram between August 1 and 31, 2024 — a period that includes Student's Day, celebrated on August 11, which also marks UNE's anniversary. Preliminary results identify the key actors involved and present an initial systematization of the types of collaboration: direct and indirect. Thus, we discuss how students tactically appropriate the platform's tools to construct their resistance practices in the digital environment.*

Keywords: *Digital platforms. Algorithmic resistance. Datafied movements.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Materialidades Digitais e Práticas Comunicacionais. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Bolsista Fapemig. Pesquisadora no Núcleo de estudos das mediações simbólicas e materiais das tecnologias digitais (Assimetrias/UFJF/CNPq). E-mail: ana.lidiaresende@hotmail.com.

³ Professora na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Coordenadora do Núcleo de estudos das mediações simbólicas e materiais das tecnologias digitais (Assimetrias/UFJF/CNPq). E-mail: ker.winques@gmail.com.

1. Introdução

A plataformação tem transformado de maneira significativa as práticas do cotidiano, por meio da gradual inserção das plataformas nos setores econômicos, culturais e na vida social (van Dijck, Poell e Waal, 2018). Dessa forma, já é possível identificar novos modos de apropriação das ferramentas tecnológicas capazes de interferir nas dinâmicas de construção de resistências e cidadanias. Ressaltamos, porém, que todas essas transformações são possíveis apenas a partir do uso que os sujeitos fazem das materialidades disponíveis.

Nesse contexto, torna-se importante compreender como as dinâmicas das plataformas afetam os processos de comunicação e as formas de participação social, bem como as possíveis alternativas e resistências que surgem frente a esse novo cenário de imersão nas tecnicidades (d'Andréa, 2020; Seaver, 2017; Winques, 2024) e jogo de visibilidade algorítmica (Bonini e Treré, 2024; Sued e Hernandez Garza, 2023; Sued, 2023; Milan e Beraldo, 2024; Milan, 2015; Bucher, 2012). Vários autores que abordam os estudos críticos das plataformas, dados e algoritmos (van Dijk, 2013; d'Andréa, 2020; Treré, 2020; Milan e Treré, 2022; Bonini e Treré, 2024; Ricaurte, 2023; Winques, 2024; Valente e Grohmann, 2024) defendem que não deixemos de observar a lógica infraestrutural e a governança das plataformas, para além das características práticas e suas aplicações no cotidiano das pessoas.

Ainda dentro do guarda-chuva dos chamados *Estudos de Plataforma*, há perspectivas que conectam os *Estudos Culturais* a tais problematizações (Canclini, 2021; Lomborg e Kapsch, 2019; Seaver, 2017; Siles, Gómez-Cruz e Ricaurte, 2023; Siles, 2023; Winques, 2024). A partir do momento em que um sujeito se relaciona com uma plataforma, estamos diante do estabelecimento de uma relação de forças. Em alguns momentos, o sujeito é impactado; em outros, ele impacta, resiste e dribla as políticas das plataformas. Esta relação é marcada por assimetrias de poder, onde o controle está nas mãos dos operadores e proprietários das empresas de mídia social, embora esse poder seja passível de contestação pelos sujeitos. É dentro dessa perspectiva conceitual que esta investigação se insere.

Além disso, Ricaurte (2023) destaca a importância de considerar o legado da colonização nos estudos sobre dados e colonialismo digital. Esse processo não apenas perpetua injustiças dentro e fora das nações, mas também impõe violência sobre corpos racializados e generificados, aprofunda desigualdades de classe, prejudica a relação com a natureza, marginaliza a diversidade cultural e linguística e silencia perspectivas alternativas. Dessa forma, a tecnologia se mantém como um instrumento renovado de opressão. É nesse cenário

de “renovação da opressão” que surgem as resistências. Ao analisar as lógicas de dominância das plataformas e as assimetrias de poder, é fundamental reconhecer aqueles que as contestam, seja por meio de oposição ou de ocupação.

Bonini e Treré (2024) argumentam que a resistência deve ser parte do ecossistema de governança digital. Se de um lado existe dominação e opressão, do outro existem pessoas dispostas a lidar com os dados e algoritmos para construir seus processos de resistência, ativismo e subversão. Em uma linha parecida com a que propomos neste trabalho, os autores defendem um caminho de estudos que “em vez de se concentrar em processos de cima para baixo de dataficação, se debruçam sobre as maneiras pelas quais pessoas comuns e movimentos sociais globais dão sentido aos dados de baixo, apropriando-se deles para suas próprias necessidades e propósitos” (Bonini e Treré, 2024, p. 17, tradução livre)⁴.

Essa percepção vai de encontro aos estudos de Martín-Barbero (2012; 2014) que propõe que pensemos a comunicação a partir da subalternidade, do Sul Global e, principalmente, a partir das resistências e particularidades da América Latina. Que as tecnicidades promoveram e seguem promovendo transformações na vida cotidiana já sabemos. Mas quais são as potencialidades e as fraquezas delas? Apesar das desigualdades e assimetrias, “as novas tecnologias vêm sendo progressivamente apropriadas por grupos dos setores subalternos, permitindo-lhes uma verdadeira *revanche sociocultural*, isto é, a construção de uma contra-hegemonia pelo mundo” (Martín-Barbero, 2014, p 18, grifos do autor). É a partir do que ele chama de *revanche sociocultural* que surgem nossas inquietações de pesquisa, centradas nos sujeitos e suas práticas e usos táticos. Como as pessoas se apropriam das materialidades das plataformas de mídia social para construir suas próprias narrativas, cidadanias e resistências?

Mais especificamente, neste trabalho, nos propomos a responder, ou ao menos traçar algumas notas iniciais de cunho exploratório (Gil, 2008), a seguinte questão: de que forma os estudantes universitários brasileiros se apropriam das materialidades do Instagram para construir práticas colaborativas de comunicação a partir da observação do perfil @uneoficial? O perfil escolhido para análise é da União Nacional dos Estudantes (UNE)⁵, entidade máxima

⁴ No original: “instead of focusing on top-down processes of datafication, dwell on the ways in which ordinary people and global social movements make sense of data from below, appropriating them for their own needs and purposes”.

⁵ Este artigo integra uma pesquisa em andamento que investiga, através de abordagem etnográfica, de que maneira estudantes brasileiros negociam suas práticas comunicativas e ativistas no contexto das plataformas digitais mediadas por algoritmos, além de como percebem as potencialidades e limitações dessas ferramentas, incluindo

de representação dos estudantes universitários no Brasil. A UNE, há algum tempo, vem incorporando em suas práticas ativistas táticas e estratégias de atuação com foco no ambiente digital e na construção de um debate público que vai das ruas às redes, das redes às ruas. De forma híbrida, operam práticas ativistas no território online e offline. Como mencionam Milan e Beraldo (2024, p. 271, tradução livre)⁶, “a mudança de paradigma provocada pela dataficação tem consequências tão significativas que alteram a dinâmica e o significado da cidadania, da participação política e, por extensão, da ação coletiva organizada”.

Nesse contexto, entendemos que a prática de ocupar o espaço, de produzir narrativas por meio das tecnologias disponíveis, de utilizar a comunicação como uma ferramenta de resistência são formas de construção política que medeiam as relações sociais. D’Andréa (2020) destaca que nem todos os usuários se apropriam das funcionalidades disponíveis em uma plataforma do mesmo jeito, visto a diversidade de usos táticos, lúdicos e políticos possíveis em cada um dos espaços. Por isso, nosso objetivo neste artigo é explorar as *affordances*, constituídas nas relações estabelecidas entre um usuário e as materialidades disponíveis (d’Andréa, 2020), que nos permitem observar práticas de colaboração entre grupos e sujeitos que são atravessadas pelas mediações algorítmicas (Winques, 2024).

O trabalho se divide em quatro partes: na primeira, exploramos alguns conceitos teóricos sobre resistência algorítmica, visibilidade algorítmica a partir das materialidades das plataformas de mídia social. Em seguida, detalhamos os processos metodológicos de observação, coleta de dados e sistematização. De modo que o Mapa das Mediações Algorítmicas (MMA), inspirado nos estudos culturais e nos mapas noturnos de Martín-Barbero, é utilizado como ponto de partida teórico-metodológico das interpretações. Assim, discutimos os resultados encontrados nesta etapa exploratória da pesquisa que indicam dois tipos de apropriação material das ferramentas da plataforma para estratégias colaborativas de estudantes a partir do perfil da União Nacional dos Estudantes (UNE): a demarcação de perfis nos textos da legenda e o uso da ferramenta *Instagram Collab*, ferramenta do próprio Instagram cujo objetivo é, de fato, promover a colaboração entre contas. Já nas considerações finais, apontamos alguns caminhos para abordagens futuras.

dados e algoritmos. As práticas de comunicação colaborativa da União Nacional dos Estudantes (UNE) constituem o foco central de nossa análise.

⁶ No original: “The paradigm shift brought about by datafication has consequences so significant as to alter the dynamics and meaning of citizenship, political participation, and by extension of organized collective action”.

2. Movimentos dataficados e plataformas de mídias sociais como mediadoras de processos de resistência

Por muito tempo, a resistência às plataformas digitais, aos dados e aos algoritmos foi percebida principalmente por meio de ações de oposição, como protestos, manifestações políticas e artísticas, além de críticas às falhas sistêmicas e aos impactos negativos das plataformas e novas tecnologias na sociedade. No entanto, essa resistência pode ser reimaginada e reprogramada a partir do processo estratégico e simbólico de ocupação desses espaços. Indivíduos e movimentos organizados têm se apropriado das ferramentas das plataformas para fortalecer e ampliar suas lutas (Bonini e Treré, 2024; Ricaurte, 2023; Milan e Beraldo, 2024; Milan e Treré, 2022). Nesse contexto, surge a resistência algorítmica, conceituada principalmente por Bonini e Treré (2024), que se mostra uma ferramenta política essencial para os movimentos sociais.

Na visão dos autores, a resistência algorítmica deve ser caracterizada como: “(1) um ato, (2) realizado por alguém que defende uma posição subalterna ou por alguém agindo em nome e/ou em solidariedade com uma posição subalterna, e (3) (na maioria das vezes) respondendo ao poder por meio de táticas e dispositivos algorítmicos” (*ibid.*, 2024, p. 23, tradução livre)⁷. Eles ainda distinguem dois tipos de resistência: 1) *algoritmos como apostas*: isso acontece quando determinado grupo, movimento coletivo ou indivíduo explora os efeitos negativos do poder da plataforma e dos algoritmos. Quando, por exemplo, os jornais *The Guardian*, *La Vanguardia* e *Ouest France* anunciaram sua saída do X (antigo Twitter) no final de 2024, eles realizaram um ato de resistência AOS algoritmos; e 2) *algoritmos como repertórios*: isso acontece quando indivíduos ou coletivos se apropriam das plataformas, dados e algoritmos como um instrumento de poder. Quando, por exemplo, um movimento social utiliza os recursos de uma plataforma de mídia social para articular ações de mobilização política, estamos diante de uma resistência construída POR MEIO de algoritmos. Neste estudo, nos concentramos sobretudo neste segundo aspecto.

Para Velkova e Kaun (2019, p. 5), a subversão é uma forma de resistência algorítmica e está ligada à apropriação das materialidades pelos sujeitos que utilizam os algoritmos de forma não pretendida originalmente pelos operadores, “direcionando, em última análise,

⁷ No original: “(1) an act, (2) performed by someone upholding a subaltern position or someone acting on behalf of and/or in solidarity with someone in a subaltern position, and (3) (most often) responding to power through algorithmic tactics and devices”.

políticas de atenção para outros objetos que os usuários podem considerar mais importantes para serem amplificados do que aqueles que foram calculados pelos algoritmos como merecedores de atenção”⁸. Ou seja, como já mencionado na introdução deste trabalho, as dinâmicas materiais e infraestruturais das plataformas estão sempre ligadas aos processos de apropriação dos sujeitos. São eles as peças fundamentais dos processos de comunicação, resistência e ação coletiva mediados pelas tecnicidades, dados, plataformas e algoritmos. Entretanto, cabe demarcar as limitações oferecidas aos sujeitos, que acabam tendo disponível para a sua atuação apenas aquilo que os designers e programadores permitem para seu uso. Embora exista alguma liberdade de intervenção e apropriação, ela é restrita, cabendo aos sujeitos adotar práticas subversivas e de resistência – ou, como Bonini e Treré (2024) descrevem, exercer uma agência algorítmica.

Para os autores, a agência algorítmica consiste na capacidade reflexiva do sujeito de ajustar os algoritmos para atender às suas necessidades. Existe ainda para eles dois tipos de agência, a *tática* e a *estratégica*. As estratégicas de agência algorítmica envolvem ações mais amplas, realizadas por governos, grandes empresas ou instituições, que buscam intervir a longo prazo na estrutura dos algoritmos. Para que uma estratégia seja efetiva, é necessário dispor de tempo, dinheiro e experiência, além de paciência, pois seus efeitos não são imediatos. Já as táticas, por outro lado, são ações de agentes subalternos, como minorias e movimentos sociais, que, mesmo com poucos recursos financeiros e tecnológicos, conseguem desenvolver ações criativas e complexas, com impacto mais imediato. Dessa forma, os autores dizem:

As pessoas começaram a perceber que o poder computacional nas mãos de plataformas pode ser combatido apenas unindo forças e reunindo nosso conhecimento, tempo e recursos econômicos. O poder computacional pode ser confrontado apenas por meio de cooperação, ajuda mútua e poder coletivo. Plataformas são um campo de batalha onde as pessoas às vezes dançam com algoritmos e outras vezes entram em choque com eles. Às vezes, elas perdem; outras vezes, elas (temporariamente) ganham. Às vezes, elas jogam com o sistema; às vezes, elas o mudam radicalmente (Bonini e Treré, 2024, p. 178, tradução livre)⁹.

⁸ No original: “directing politics of attention toward other objects that users might consider more important to be amplified than those that have been calculated by algorithms as deserving attention”.

⁹ No original: “People have begun to realize that computational power in the hands of platforms can be countered only by joining forces and pooling our knowledge, time, and economic resources. Computational power can be confronted only through cooperation, mutual aid, and collective power. Platforms are a battleground where people sometimes dance with algorithms and other times clash with them. Sometimes they lose; other times, they (temporarily) win. Sometimes they game the system; some- times they radically change it”.

Nesse mesmo caminho de reflexão, a partir da compreensão de que a sociedade está sendo alterada pelos dados, Milan e Beraldo (2024) avançam em uma proposta de explorar os movimentos sociais a partir da observação dos efeitos sociotécnicos e sistêmicos dos dados e da infraestrutura de dados na dinâmica dos movimentos. “*Data in movement*”, ou no português, movimentos dataficados, compreendidos não apenas como os movimentos que se apropriam diretamente dos dados como ferramenta de resistência, mas sim qualquer movimento social afetado direta ou indiretamente pelos efeitos da dataficação. Os autores apontam cinco elementos-chave dos estudos clássicos de movimentos sociais reprogramados após a penetração dos processos de dataficação e da imersão dos movimentos na sociedade de plataforma, são eles: a formação de grupos algorítmicos, oportunidades políticas sociotécnicas, repertórios de ação habilitados por dados, construção de identidade dataficada e trabalho de significado mediado por máquina.

Diversos autores investigam o impacto da internet e das tecnologias digitais na participação cidadã em processos políticos e ativistas autônomos ou coletivos. Para Peruzzo (2006, p. 14), um movimento se constrói através da “coesão, convergência de objetivos e visões de mundo, interação, sentimento de pertencimento, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, co-responsabilidade e caráter cooperativo”. Por sua vez, Gonh (2019) argumenta que os movimentos se fortalecem por meio de lutas, confrontos e oposições, construindo suas forças culturais, sociais e políticas. Essas dinâmicas são potencializadas pela capacidade das tecnologias digitais de mobilizar e conectar pessoas, permitindo que vozes subalternas ganhem espaço e visibilidade. Sendo assim, há a perspectiva de que a articulação em rede, baseada em processos de identificação e afastamento de aliados e inimigos, também é fundamental para a união de um grupo em uma ação coletiva ou movimento social (Scherer-Warren e Lüchmann, 2011; Castells, 2013).

Essa noção de rede é particularmente útil para entender os movimentos sociais nas plataformas digitais, uma vez que a possibilidade de distanciamento geoespacial e a ubiquidade das plataformas possibilitam que ações coletivas ocorram sem a necessidade de presença física. Segundo Sued e Hernández Garza (2023), os movimentos sociais souberam desafiar a distribuição desigual do poder da visibilidade algorítmica, justamente se apropriando dos dados, algoritmos e plataformas e construindo por meio deles estratégias de resistência e agendas de luta política. Sued (2023) distingue três regimes de visibilidade, são eles: 1) *visibilidade vernacular*: composta por pessoas externas aos movimentos ativistas, mas que se

apropriam e amplificam seus ideais, linguagens, lutas e estéticas. Uma visibilidade sustentada principalmente por figuras públicas como celebridades, influenciadores, pessoas do entretenimento, etc.; 2) *resistência algorítmica*: ações de visibilidade impulsionada por grupos feministas¹⁰ e de direitos humanos que desempenharam um papel importante na luta histórica, utiliza o *hashtagativismo*¹¹ para organizar ações nas plataformas e uma estética que estende elementos de mobilização da rua para as redes; e 3) *poder algorítmico*: poder de agência do algoritmo, visibilidade acionada e construída pelos próprios algoritmos, que é, portanto, ainda mais determinante no resultado final do que é visível e invisível nas plataformas.

Em relação à visibilidade, Milan (2015) apresenta quatro mecanismos relevantes para a criação de uma “política da visibilidade” para as ações coletivas e movimentos sociais, são eles: 1) *centralidade da performance*: as mídias sociais permitem que os sujeitos encenem no online uma história da qual eles já fazem parte no espaço offline, trata-se de uma forma de tornar o protesto visível também no ambiente digital; 2) *interpelação a companheiros e oponentes*: esses espaços permitem que as pessoas convidem outras pessoas para participar de uma ação coletiva, por meio de *tags*, citações e menções. Quando se inclui mais pessoas em determinada mobilização, também se exclui aqueles que não fazem parte, que são muitas vezes o alvo do protesto e, portanto, oponentes; 3) *expansão da temporalidade do protesto*: devido à continuidade das mídias sociais, as atividades realizadas no âmbito físico podem seguir sendo compartilhadas após o momento síncrono, reforçando a identidade coletiva ao longo do tempo, por meio da reprodução de conteúdos; e 4) *reprodutibilidade da ação social*: as mídias sociais permitem que determinado conteúdo possa ser reverberado, principalmente entre pessoas com ideias semelhantes, por meio dos “compartilhamentos” ou “retuítés” e dessa forma possa chegar a mais pessoas e lugares.

Como podemos perceber, a visibilidade passa a ser mercadoria no cenário em que diversos atores disputam espaço e narrativa em um jogo assimétrico de poder. A nós, neste trabalho, interessa a compreensão sobre de que forma por meio de usos táticos das materialidades disponíveis no Instagram os sujeitos podem negociar suas práticas cotidianas de resistência e ativismo e reconfigurar os usos esperados e pré-determinados pelos

¹⁰ O trabalho em questão investiga a visibilidade de movimentos feministas da América Latina nas plataformas digitais, por isso, está mencionado o foco nos “grupos feministas”, mas esses podem ser ampliados para outros movimentos que utilizam as plataformas digitais como instrumentos de resistência.

¹¹ Ativismo feito por meio de *hashtags*, se apropriando delas para organizar públicos em torno de interesses coletivos.

programadores para determinadas funções da plataforma. Que os algoritmos, como qualquer outro artefato tecnológico, comunicam e automatizam os valores morais daqueles que os projetaram (Bonini e Treré, 2024) nós já sabemos. Agora, queremos saber de que forma as materialidades da plataforma auxiliam os sujeitos ou são reconfiguradas por eles para construir novas formas de produção de sentido mediadas algoritmicamente.

3. Cartografia dos usos táticos: exploração das ações por meio do MMA

A partir da nossa pergunta de pesquisa que diz respeito ao processo de apropriação das materialidades e ferramentas do Instagram por estudantes brasileiros universitários que compõe a União Nacional dos Estudantes (UNE) para a construção de práticas colaborativas de comunicação, compreendemos que uma etapa exploratória (Gil, 2008) de observação, navegação e coleta poderia nos dar pistas para construir uma cartografia dos usos táticos das materialidades da plataforma. Por isso, selecionamos um período para imersão na comunidade @uneoficial no Instagram, que corresponde aos dias 1 a 31 de agosto de 2024. O mês de agosto foi escolhido de forma estratégica, por se tratar de um mês importante para os estudantes universitários brasileiros. Além de no dia 11 de agosto ser comemorado o Dia do Estudante, é também a data de aniversário da UNE, que foi criada nesta data no ano de 1937.

Dada a importância das datas, o período de análise, mesmo que curto, poderia ser de muitas publicações e, logo, de uma coleta de dados frutífera para responder algumas de nossas questões. De que forma as materialidades do Instagram são exploradas pelos estudantes? Quais ferramentas são utilizadas por eles? Como a plataforma pode auxiliar (ou não) na instrumentalização das práticas colaborativas e ações coletivas? E ainda, como as cidadanias e socialidades são reconfiguradas a partir das tecnicidades/materialidades? Essas eram algumas das inquietações iniciais que esperávamos encontrar respostas ao longo da investigação. Nosso foco, entretanto, estava no processo de colaboração e como as estruturas e ferramentas da plataforma podiam ajudá-lo a se materializar.

Durante o período analisado, o perfil veiculou 78 conteúdos utilizando os formatos de vídeo (14), carrossel (33) e imagens solo (31). Como mencionamos anteriormente, o objetivo desta etapa era identificar as práticas e *affordances* dos usuários/membros participantes do perfil que nos permitem observar traços de construção colaborativa de comunicação. Acreditamos que os processos de comunicação devem ser vistos como elementos de

resistência, articulação, além de uma forma de participação cidadã quando apropriados pelos movimentos sociais e populares (Peruzzo, 1998).

O método exploratório (Gil, 2008) foi utilizado para mapear os atores individuais e organizações coletivas que participam da comunidade UNE no Instagram, bem como suas práticas táticas e apropriações. Todos os conteúdos veiculados durante o mês de agosto foram coletados e observados. Os elementos visuais e textuais, bem como as ferramentas e suportes utilizados foram objetos de análise. Como o foco aqui está na colaboração como prática e elemento na produção de estratégias comunicacionais, nos atemos aos conteúdos publicados pelo perfil @uneoficial e não aos comentários que, de certa forma, também simbolizam uma forma de construção colaborativa e participação na comunidade.

Para auxiliar na compreensão dos resultados encontrados, a partir da abordagem cartográfica do Mapa das Mediações Algorítmicas (Figura 1), elaborado por Winqes (2024), construímos um mapa da colaboração do perfil @uneoficial, no qual os elementos socialidades e cidadanias são centrais para a análise.

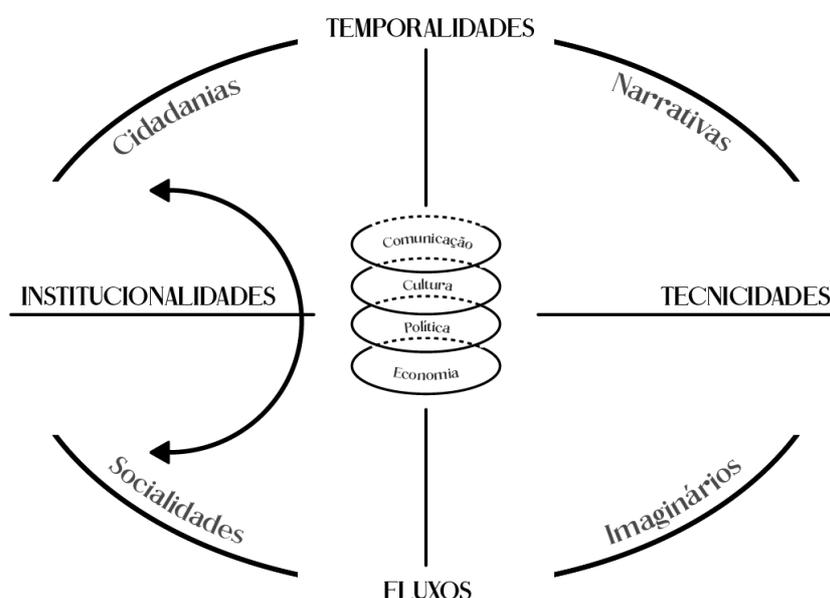


FIGURA 1 - Mapa das Mediações Algorítmicas (MMA)
 FONTE: WINQUES (2024, P. 209).

O MMA coloca uma lente nas tecnicidades¹² trabalhadas por Martín-Barbero e nos inspira a pensar as tecnologias digitais como artefatos de cultura. Esta cartografia nos permite

¹² O sentido da tecnicidade em Martín-Barbero “não se relaciona à ideia de mero aparato tecnológico, mas à competência na linguagem, às materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão

compreender tanto as particularidades dos artefatos tecnológicos, plataformizados e algorítmicos, quanto as especificidades dos processos de uso e apropriação que os envolvem. A materialidade dos algoritmos coexiste com dinâmicas de poder, hegemonia, negociação e resistência (Seaver, 2017). Por isso, nosso interesse reside em mapear as sociabilidades e cidadanias atravessadas por institucionalidades e tecnicidades nos usos táticos da UNE.

As plataformas digitais desempenham um papel crucial nas novas configurações de interconexão social, cultural e política, impactando a formação da opinião pública (Winques, 2020; 2024) e o surgimento de novas formas de cidadania (Martín-Barbero, 2009). Essas dinâmicas envolvem uma variedade de comunidades, associações, grupos e movimentos, enriquecendo o discurso público e fomentando a criatividade social. As socialidades referem-se aos laços sociais, ao indivíduo e aos múltiplos pertencimentos identitários, baseados em categorias como gênero, etnia, geração e classe. Quando vistas sob a ótica da comunicação, as socialidades correspondem aos modos e usos coletivos da mídia. Diante da emergência de novas materialidades, Winques (2024) alerta que os estudos sobre a plataformização devem se situar no cotidiano dos indivíduos e em suas sociabilidades, ou seja, serem fruto da rede de relações, do contexto e da situação em que ocorrem.

Feito os devidos apontamentos, a partir da observação, sistematizamos os resultados encontrados vislumbrando a observação das características da apropriação das ferramentas da plataforma de mídia social Instagram, mas também cruzamos com os tipos de conteúdo veiculados e mapeamos algumas possibilidades sobre as origens e motivações por trás da colaboração, que poderão ser exploradas a fundo em pesquisas futuras.

4. As materialidades da colaboração no perfil @uneoficial no Instagram: resultados preliminares

Este trabalho propõe a observação a partir das materialidades das plataformas de mídias sociais. Ou melhor, a partir da relação dos sujeitos com as ferramentas disponíveis para a sua apropriação. O termo *affordance* foi cunhado por Gibson (2015), para discutir as possibilidades de ação dos animais a partir dos ambientes físicos. Posteriormente, os Estudos de Plataformas se apropriaram do termo para observar o modo como os usuários constituem suas práticas a

origem a formatos e produtos midiáticos. A tecnicidade não é da ordem do instrumento, mas da ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social” (Lopes, 2018, p. 57-58).

partir de possibilidades políticas e materiais propostas pelos desenvolvedores. Para Bittencourt (2019, *apud* d'Andréa, 2020), as interfaces são performativas, sendo preciso entender a ação do sujeito com a materialidade disponível. “Trata-se, portanto, de compreendermos como as práticas se dão a partir dos usos possíveis, planejados ou não, das interfaces e de suas funcionalidades. Em cada situação, abre-se um leque potencialmente amplo — mas não ilimitado — de ações possíveis” (d'Andréa, 2020, p. 47-48).

Por meio da observação do perfil da União Nacional dos Estudantes (UNE), @uneoficial no Instagram, encontramos dois tipos de demarcação de prática colaborativa entre sujeitos (individuais ou coletivos) e a organização que são mediados e possibilitados pela própria plataforma. Em primeiro lugar, o uso da ferramenta *Instagram Collab*. Segundo a própria plataforma, a ferramenta pode ser usada para criar publicações em coautoria com outras contas. O criador da publicação original pode convidar outras contas como colaboradoras. Se a conta aceitar o convite, o seu nome será adicionado à publicação e esta será compartilhada com os seus seguidores e também será apresentada no seu perfil. Esse recurso foi lançado em 2021. No início, a colaboração podia ser feita apenas entre duas contas. Porém, atualmente, são aceitas até cinco colaborações em uma mesma postagem.

Em nossa coleta, identificamos 20 conteúdos que fizeram o uso da ferramenta. As colaborações foram feitas com os seguintes usuários/perfis: União Estadual dos Estudantes Dr. Juca/Rio Grande do Sul (2), União Catarinense das e dos Estudantes (1), União Estadual dos Estudantes de São Paulo (2), Diretório Central Estudantil Livre da UNINOVE (1), Diretório Central dos e das Estudantes da UFES (1), Frente pela Descriminalização e Legalização do Aborto no ES (1), Manuella Mirella, presidente da UNE (5), Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (1), Circuito de Cultura e Arte da UNE (6), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (1), União Estadual dos Estudantes de Mato Grosso (1), União Brasileira das/dos Estudantes Secundaristas (1), Associação Mato-Grossense dos Estudantes Secundaristas (1), Associação Nacional de Pós-Graduandos (1), Centro Acadêmico de Jornalismo PUC-SP (1) e União Paranaense dos Estudantes (1). Como pode ser percebido, boa parte das colaborações são com entidades do movimento estudantil (ao nível estadual, local, nacional e internacional), colaboração interna (com o perfil secundário da organização, Cuca da UNE), com movimentos sociais organizados e ainda com o perfil da presidente da organização, Manuella Mirella.

O grande número de colaboração com perfis de organizações estudantis nos parece ser um indício de uma estratégia de visibilidade algorítmica, principalmente quando observamos a divulgação de pautas locais, regionais e estaduais que, a partir da utilização da ferramenta *Instagram Collab*, acabam ganhando recorte nacional no perfil da organização nacional dos estudantes universitários. Para Sued e Hernández Garza (2023), a visibilidade algorítmica perpassa pela percepção sobre o “funcionamento sociotécnico dos algoritmos, o condicionamento das plataformas e as táticas de utilização de hashtags, considerando que o uso estratégico de cada um destes elementos constitui um elemento de luta por sentido no digital (p. 16, tradução livre)”¹³. Ou seja, o uso da ferramenta disponível para colaboração pode ser observado como uma estratégia de visibilidade, visto que um de seus objetivos é ampliar o alcance de determinado conteúdo, já que ele circulará por dois ou mais perfis colocados em colaboração. Bonini e Treré (2024) ressaltam que o ativismo e a resistência algorítmica vão além da apropriação dos algoritmos para ampliar a visibilidade, envolvendo também estratégias táticas de apropriação das materialidades disponíveis.

Outra observação que fizemos em relação à colaboração delimitada a partir do uso das ferramentas da plataforma foi o uso estratégico de demarcação de autoria em determinados tipos de conteúdo — principalmente naqueles produzidos a partir do chamado para cobertura colaborativa. Uma estratégia que demarca claramente como a UNE utiliza as práticas colaborativas de comunicação como instrumentos políticos é o chamado para as coberturas de atos, mobilizações e eventos. No dia 13 de agosto, o perfil da UNE, em colaboração com o Cuca da UNE (perfil secundário, responsável por conteúdos relacionados à cultura, arte e comunicação da organização), veiculou um conteúdo¹⁴ que dizia: “Quem conta a nossa história somos nós! Amanhã a aula é na rua, não deixe de compartilhar a cobertura dos atos” e ainda, “Mostre a mobilização dos estudantes no seu estado. Nenhum centavo a menos para educação!”. Os conteúdos postados em seguida, carrosséis com fotos dos atos pela educação, na sua maioria, vinham com demarcação dos perfis dos produtores das fotos na legenda, logo, perfis que fizeram parte da cobertura colaborativa - nome dado pela organização estudantil.

Sistematizamos na Tabela 1 as características da colaboração a partir do *Instagram Collab* e das legendas.

¹³ No original: “el funcionamiento sociotécnico de algoritmos, los condicionamientos de las plataformas y las tácticas de uso de hashtags, considerando que el uso estratégico de cada uno de estos elementos constituye un elemento de lucha por el sentido en la arena digital” (Sued e Hernández Garza, 2023, p. 16).

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-oNaL8PYTe/>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

TABELA 1
Características da colaboração no perfil @uneoficial no Instagram

INSTAGRAM COLLAB	LEGENDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos publicados pela própria UNE em colaboração com outros perfis. - Conteúdos publicados por outros perfis nos quais a UNE é convidada para ser colaboradora. - Conteúdos internos que reforçam a marca do CUCA da UNE. - Conteúdos em parceria com Manuella Mirella, presidente da organização. - Conteúdos produzidos com movimentos sociais e rede do movimento estudantil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizadas para demarcar os perfis de produtores, colaboradores, em geral, fotógrafos ou comunicadores alternativos. - Utilizadas também para demarcar conteúdos de reprodução (compartilhados de outros perfis do Instagram). - Créditos a partir da cobertura colaborativa.

FONTE: ELABORADO PELAS AUTORAS.

Uma premissa deste trabalho é que as tecnicidades e as possibilidades de interação trazidas pelas plataformas de mídia social são reforçadoras para as articulações da rede do movimento estudantil brasileiro. Rede esta que ultrapassa a dimensão digital de sociedade em rede (Castells, 1999) e diz mais a respeito da conexão entre diversos sujeitos e organizações ao nível local, regional, estadual, nacional e até mesmo internacional. Ao longo da observação, encontramos colaborações feitas pela UNE com instituições de cada um desses níveis territoriais, o que demonstra também que o uso tático das plataformas de mídias sociais pode servir para ampliar narrativas geolocalizadas que, talvez, sem o uso dos mecanismos destacados acima, teriam um alcance mais segmentado.

Dos conteúdos observados, tanto na demarcação da colaboração por meio do *Instagram Collab* quanto nos perfis mencionados nas legendas, fica claro o caráter midiativista, o uso da comunicação como instrumento político e, principalmente, a potencialidade da colaboração em relação à ampliação de pautas. Como menciona Castells (2013), a internet e as novas tecnologias possibilitam que os sujeitos sejam mais do que autores das suas próprias histórias, mas também narradores delas. Por meio de práticas autônomas e das materialidades disponíveis nas plataformas, sujeitos contam seus pontos de vista sobre os fatos sociais e utilizam a comunicação como ferramenta política e de disputa de poder. É justamente pelos processos de comunicação serem tão decisivos na construção de poder que a ocupação das plataformas de mídia social é uma prática cada vez mais comum dos movimentos sociais na atualidade. Agora, mediadores não humanos e dataficados como objetos e procedimentos digitais, as *hashtags* e os algoritmos, remodelam o recrutamento de movimentos e a dinâmica de liderança (Milan e Beraldo, 2024).

Como mencionado, acreditamos que a comunicação colaborativa impulsiona a resistência e a visibilidade algorítmica. Em seguida, na Tabela 2, apresentamos uma sistematização inicial dos tipos de colaboração no movimento estudantil brasileiro, baseada na análise do perfil da União Nacional dos Estudantes (UNE).

TABELA 2
Tipos de colaboração no perfil @uneoficial

COLABORAÇÃO DIRETA	Cobertura Colaborativa: conteúdos produzidos de forma coletiva/colaborativa em mobilizações ou eventos organizados pela própria UNE.
	Rede de Movimento Estudantil: conteúdos produzidos por diretórios acadêmicos, diretórios centrais e uniões estaduais de estudantes. São compartilhados pelo próprio perfil da UNE ou por outros perfis através da ferramenta <i>Instagram Collab</i> .
COLABORAÇÃO INDIRETA	Reprodução: conteúdos produzidos por outros atores/organizações, veiculados através do próprio Instagram ou outra plataforma de mídia social e reproduzido pelo perfil da UNE com a utilização de crédito na legenda.

FONTE: ELABORADO PELAS AUTORAS.

Talvez pareça estranho mencionar dois tipos de colaboração, sendo uma direta e outra indireta. Colaborar não implica em construir necessariamente junto, coletivamente, em cooperação? Então como pode haver um processo de colaboração indireta? Entendemos, a partir do nosso objeto, que existe um processo de produção colaborativa apropriado pela UNE no qual os sujeitos participam ativamente do processo, seja por meio da produção dos conteúdos ou ainda de elementos deles, como, por exemplo, as fotografias creditadas na cobertura colaborativa. A colaboração indireta seria, portanto, aquela cujos colaboradores/participantes são mencionados, creditados, mesmo que o objetivo inicial não tenha sido colaborar com a produção do conteúdo para o perfil. Colaboração é um processo mútuo e o ato de reproduzir determinado conteúdo também diz respeito a ampliar sua visibilidade por meio de artefatos algorítmicos e das ferramentas disponíveis.

5. Os processos de colaboração a partir do Mapa das Mediações Algorítmicas

Em razão do debate e dos achados mencionados acima, nos pareceu fundamental avançar com interpretações que se relacionam ao modo como os estudantes se apropriam das

materialidades da plataforma para construir suas resistências, cidadanias e entrar no jogo da visibilidade algorítmica. Sendo assim, com o objetivo de ilustrar tais dinâmicas, criamos um modelo de mapa da colaboração do perfil @uneoficial (Imagem 2).

Esse mapa se detém, sobretudo, em observar as dimensões de socialidade e cidadania (Martín-Barbero, 2002) a partir das mediações algorítmicas (Winques, 2024). Pensamos a socialidade como “a abertura a outros modos de inteligibilidade ‘contidos’ na apropriação cotidiana da existência e na sua capacidade de explodir a unificação hegemônica do sentido” (Martín-Barbero, 2002, p. 228, tradução livre)¹⁵. Winques (2024, p. 156) comenta que as socialidades cotidianas são transportadas para as plataformas como forma de manter laços e de resistir aos sistemas capitalistas e opressores. Pensar socialidade é pensar resistência, poder, subversão, opressão e dominância. “As socialidades são ancoradas em fortes movimentos identitários, que buscam relacionamento, reconhecimento, criação de comunidades engajadas e emancipação por meio de suas práticas de resistência e visibilidade a partir de sistemas tecnológicos”. Como menciona a autora, o ambiente digital é hostil, mas é enfrentado por meio de práticas digitais de socialidade e coletividade.

Em relação à cidadania, Martín-Barbero (2002) reconhece a importância de que os sujeitos passem a ser reconhecidos como seres autônomos, cidadãos, parte de uma sociedade civil organizada e disposta a fazer suas próprias escolhas, “é da natureza da cidadania hoje estar associada a ‘reconhecimento recíproco’, isto é, o direito de informar e ser informado, de falar e ser ouvido, essencial para poder participar nas decisões que dizem respeito à comunidade” (Martín-Barbero, 2002, p. 323, tradução livre)¹⁶. Winques (2024, p. 158) aponta que as socialidades e cidadanias partilham dos referenciais do sujeito, dependem de seus valores, nível educacional, repertórios culturais, relações de classe, gênero, idade, etnia e do histórico familiar. A autora defende que a noção de cidadania pode ajudar a construir estratégias de emancipação, ocupação, demarcação e combate. Por tudo visto até agora neste trabalho, o mapa que se desenha abaixo (Imagem 2) foi construído a partir da observação da mediação institucional (não só a UNE enquanto instituição, como também as plataformas que operam os sentidos sociotécnicos) e das submediações socialidades e cidadanias.

¹⁵ No original: “la apertura a otros modos de inteligibilidad ‘contenidos’ en la apropiación cotidiana de la existencia y su capacidad de hacer estallar la unificación hegemónica del sentido” (Martín-Barbero, 2002, p. 228).

¹⁶ No original: “es lo propio de la ciudadanía hoy el estar asociada al “reconocimiento recíproco”, esto es al derecho a informar y ser informado, a hablar y ser escuchado, imprescindible para poder participar en las decisiones que conciernen a la colectividad”.

Como pode ser visto, no eixo central se localiza o perfil da União Nacional dos Estudantes (UNE). Os processos colaborativos acontecem de duas formas: pelo *Instagram Collab* (indicado na centralidade do mapa) e pelas legendas — de forma direta ou indireta — (indicadas no lado externo nos campos cobertura e reprodução). A relação UNE com a ferramenta *Instagram Collab* promove alguns encontros: com as entidades estudantis representativas (UBES, ANPG e OCLAE), com movimentos sociais (como o MST), com a rede do movimento estudantil (centros acadêmicos, união estadual de estudantes e diretórios centrais), com o perfil secundário da organização (Cuca da UNE, que discute arte, cultura e comunicação) e com a presidente da organização, Manuella Mirella.

Já a demarcação de legenda acontece mencionando perfis de fotógrafos, midiativistas, comunicadores comunitários — encontramos essas descrições nos próprios perfis dos usuários — e os perfis de influenciadores digitais e movimentos populares no caso dos conteúdos de reprodução. O mapa nos ajuda a enxergar de que forma a colaboração mediada algoritmicamente pelas plataformas acontece e quem são os sujeitos participantes, bem como de que forma as cidadanias e socialidades são reconfiguradas a partir da plataformização. Reforçamos a necessidade de que os movimentos sociais e ativistas sejam vistos a partir das relações sociotécnicas e de visões que levem em conta as materialidades e simbolismos dos dados, algoritmos e plataformas. As relações entre sujeitos e tecnicidades devem ser vistas de forma simbiótica e de multi-afetações. Conforme Bonini e Treré (2024, p. 57, tradução livre)¹⁷, a relação entre indivíduos e algoritmos é sempre recursiva: “algoritmos aprendem rapidamente com as tentativas de jogo dos usuários e, portanto, são capazes de se realinhar”.

6. Considerações finais

Este artigo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento cujo objetivo central é compreender o impacto das tecnicidades nas práticas comunicacionais colaborativas de estudantes universitários brasileiros, organizados no movimento estudantil, na entidade máxima representativa, a União Nacional dos Estudantes (UNE). Dessa forma, esperamos investigar os usos táticos e estratégicos que os estudantes fazem das plataformas de mídia social

¹⁷ No original: “algorithms learn quickly from users’ gaming attempts and therefore are able to realign themselves”.

como resistência e compreender de que formas negociam suas práticas de construção de comunicação em um ambiente mediado algoritmicamente.

Compreendemos que a atualidade, marcada pela crescente plataformização e dataficação, impõe desafios em diversos campos do conhecimento. Nos estudos de movimentos sociais, é essencial identificar as potencialidades e limitações do universo de dados, algoritmos e plataformas para o uso estratégico na resistência, subversão e luta política. Por isso, nos somamos a Milan e Beraldo (2024) para pensar as relações sociotécnicas entre sujeitos e plataformas e as transformações provocadas *pelos* e *nos* movimentos datafificados. Não só pensar o impacto das plataformas no cotidiano das pessoas, mas também o impacto das pessoas na dinâmica das plataformas.

Este artigo, de abordagem exploratória, nos possibilitou mapear as materialidades da colaboração no perfil @uneoficial e, assim, identificar algumas características sobre os processos colaborativos, bem como sobre as formas que os sujeitos se apropriam de forma tática das ferramentas disponibilizadas pela própria plataforma para construir suas resistências no ambiente digital. Além disso, este trabalho apresentou uma abordagem de mapeamento das socialidades e cidadanias a partir do encontro com as tecnicidades, culminando na construção de um mapa dos usos táticos da colaboração a partir do Mapa das Mediações Algorítmicas. Também deixamos pistas metodológicas sobre a implementação do MMA como processo teórico-metodológico nos processos de uso e apropriação das tecnologias digitais, a partir de um olhar que promove o encontro dos estudos culturais com os estudos das materialidades dos dados, algoritmos e plataformas.

Cada vez mais, práticas políticas se desenvolvem em ambientes mediados por algoritmos, e diversos atores políticos aprenderam a utilizá-los para atingir seus objetivos. É fundamental reconhecer o potencial democratizante dos recursos digitais e os múltiplos usos que possibilitam a construção de novas formas de socialidade e cidadania, sem, no entanto, ignorar que as plataformas também atuam como atores-chave, tentando moderar, direcionar e controlar o fluxo de informações políticas que circulam em sua infraestrutura (Bonini e Treré, 2024). Também é necessário repensar o mundo algoritmizado para identificar formas de se posicionar em seus interstícios (Canclini, 2021). Na busca por exercer a cidadania na sociedade datafificada e mediada por algoritmos, é possível perceber como pessoas com habilidades diversas se envolvem, resistem e subvertem a lógica imposta pelas materialidades das plataformas de mídias sociais.

Referências

- BONINI, Tiziano; TRERÉ, Emiliano. **Algorithms of resistance**: The everyday fight against platform power. Cambridge: MIT Press, 2024.
- BUCHER, Taina. **Programmed sociality**: a software studies perspective on social networking sites. University of Oslo, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2kAuj4U>. Acesso em: 10 out. 2017.
- CANCLINI, Nestor García. **Cidadãos substituídos por algoritmos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. 2020.
- GIBSON, James J. **The ecological approach to visual perception**. London: Psychology Press, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOHN, M. da G. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Caderno CrH**, v. 32, p. 63-81, 2019.
- LOMBORG, Stine; KAPSCH, Patrick Heiberg. Decoding algorithms. **Media, Culture & Society**, v. 42, n. 5, p. 745-761, 2019.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2K2GVvk>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício do cartógrafo**: Travessias latinoamericanas de la comunicación en la cultura. 2002. Fondo da Cutura Económica. Chile.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. De la Comunicación a la Cultura: perder el "objeto" para ganar el proceso. **Signo y pensamiento**, 2012, vol. 31, no 60, p. 76-84.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Diversidad en convergencia. **Matrizes**, 2014, vol. 8, no 2, p. 15-33.
- Martín-Barbero, Jesús. Cidadanias em cena: performance, política e direitos culturais. **Hemispheric Institute**, Bogotá, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3k3UwYc>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- MILAN, Stefania; TRERÉ, Emiliano. Big data a partir do Sul/dos Suis: uma matriz analítica para investigar dados nas margens. **Revista Fronteiras**, v. 24, n. 3, 2022.
- MILAN, Stefania.; BERALDO, David. Data in movement: the social movement society in the age of datafication. **Social Movement Studies**, v. 23, n. 3, 2024.
- MILAN, Stefania. When Algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, 2015.
- PERUZZO, Cíclia. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação e movimentos populares**: o papel da mídia na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes 1998.

RICAURTE, Paola. Epistemologias de dados, colonialidade do poder e resistência. **Dispositiva**, 2023, v. 12, n. 22, p. 6-26.

SCHERER-WARREN, Ilse.; LÜCHMANN, Lígia. Helena. Hahn. Para uma abordagem pós-colonial e emancipatória dos movimentos sociais. In: SCHERER-WARREN, Ilse.; LÜCHMANN, Lígia. Helena. Hahn (Eds.). **Movimentos sociais e participação**: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

SEAVER, Nick. Algorithms as culture: Some tactics for the ethnography of algorithmic systems. **Big Data & Society**, v. 4, n. 2, 2017. Disponível em: bit.ly/3rOwTX7. Acesso em: 29 jul. 2023.

SILES, Ignacio; GÓMEZ-CRUZ, Edgar; RICAURTE, Paola. Toward a popular theory of algorithms. **Popular Communication**, v. 20, n. 2, 2022..

SILES, Ignacio. **Vivir con algoritmos**: Plataformas digitales y cultura en Costa Rica. Costa Rica: CICOM, 2023.

SUED, Gabriela. Visibilidades algorítmicas del feminismo en plataformas sociales. **Zona Franca**, 2023, n. 31, p. 70–101.

SUED, Gabriela; HERNÁNDEZ GARZA, Carolina. #justiciaparatodas in Latin America: Algorithmic Visibility of Feminist Demands for Justice on Twitter. **Comunicación y Sociedad** (0188-252X), 2023, v. 20.

TRERÉ, Emiliano. **Activismo mediático híbrido**: Ecologías, Imaginarios, Algoritmos. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert. 2020.

VALENTE, Jonas; GROHMANN, Rafael. Critical data studies with Latin America: theorizing beyond data colonialism. **Big Data & Society**, v. 11, n. 1, 2024.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VELKOVA, Julia; KAUN, Anne. Algorithmic resistance: media practices and the politics of repair. **Information, Communication & Society**, v. 22, n. 5, p. 676-693, 2019.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas**: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais. Florianópolis: Editora Insular, 2024.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas e espiral do silêncio**: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais. 2020. 405 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.